

# LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO SER

## LITERARY READING AT SCHOOL: FORMATION AND TRANSFORMATION OF THE BEING

Michely Tais Brito Sousa\*

Sérgio Wellington Freire Chaves\*\*

Francisco Pereira Smith Júnior\*\*\*

Paulo Santiago de Sousa\*\*\*\*

**RESUMO:** Sente-se cada vez mais a necessidade de discutir-se sobre questões relacionadas à atual configuração de ensino de literatura nas escolas, e afirmar a função formadora e transformadora que a leitura literária garante ao leitor. Nesse cenário, a escola assume lugar privilegiado ao estimular o gosto e a prática de leitura, bem como de incentivar os alunos a pensarem sobre si e seu lugar no mundo. Assim, este estudo justifica-se pela relevância de sua temática para a educação escolar e formação social do indivíduo, cujo objetivo geral é discutir a importância de um ensino de literatura mais humanizador, que contribua para a formação e transformação do aluno. Para tanto, as discussões teóricas, feitas na primeira parte do trabalho, são apoiadas em estudos de Candido (2002) e Todorov (2009), e na segunda parte que trata sobre as questões de ensino, foram utilizados como aporte teórico Cereja (2013), Colomer (2007) entre outros nomes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de literatura. Leitura literária. Letramento.

---

\* Graduada em Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua como voluntária do Grupo de pesquisa GELLIFI (UFPA), Grupo de Estudos de Letramento literário e Formação Interdisciplinar. E-mail: micksousa2020@gmail.com.

\*\* Professor Adjunto de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Letras – FALE, Campus Universitário de Bragança; Doutor e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Coordenador do Projeto de Pesquisa Migração Sertaneja na Amazônia- MiSAm. E-mail: sergiofreire13@yahoo.com.br.

\*\*\* Doutor na área em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Universidade Federal do Pará, UFPA, Brasil. Pós-doutor em Estudos Comparados na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/UNIOESTE). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES/UFPA). Coordenador do Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense (GELCONPE). E-mail: fsmith@ufpa.br.

\*\*\*\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Araraquara. Vice-Coordenador do Projeto Línguas indígenas e o Português na Amazônia oriental: contato linguístico, educação e tradução, descrição – UFPA, campus de Bragança. E-mail: profpaulosantiago@gmail.com.

**ABSTRACT:** THE need to discuss issues related to the current configuration of teaching literature in schools is increasingly felt, and to affirm the formative and transforming function that literary reading guarantees to the reader. In this scenario, the school assumes a privileged place by stimulating the taste and practice of reading, as well as encouraging students to think about themselves and their place in the world. Thus, this study is justified by the relevance of its theme for school education and social formation of the individual, whose general objective is to discuss the importance of teaching literature that is more humane, which contributes to the formation and transformation of the student. To that end, the theoretical discussions, carried out in the first part of the work, are supported by studies by Candido (2002) and Todorov (2009), and in the second part that deals with teaching issues, they were used as a theoretical contribution Cereja (2013), Colomer (2007) among other names.

**KEYWORDS:** LITERATURE teaching. Literary reading. Literacy.

## INTRODUÇÃO

As reflexões e estudos realizados a respeito do ensino de literatura e suas contribuições para a educação têm sido muito pertinentes, principalmente na atualidade. O ensino de literatura enfrenta uma crise. Percebemos um ensino deficiente que muitas vezes aborda a leitura literária de maneira equívoca, submetendo os textos a um planejamento descuidado, baseado em modelos ultrapassados que prezam pela historiografia.

Em uma configuração de ensino de literatura que prioriza a historiografia, os textos literários são tomados de modo distorcido de uma função mais enriquecedora. Seu caráter artístico, estimulador da imaginação e facilitador de experiências diferenciadas, é anulado em favor de um trabalho em que os textos literários adquirem um papel meramente técnico. Muitas vezes, são utilizados apenas para suprir uma necessidade conteudista, visando cumprir exigências na prestação de vestibulares ou outros processos avaliativos.

A capacidade de compreensão do aluno é muitas vezes subestimada ao lidar com obras literárias. O papel formativo e transformador que essas obras desempenham ao transmitir conhecimentos diversos não recebe o devido reconhecimento. Os valores e ideais que marcam a vida de seus leitores são muitas vezes ignorados, mesmo considerando que a literatura é constituída de saberes sobre o mundo e o ser humano. Ela capacita o leitor a tornar-se conhecedor de si mesmo, do outro e de tudo que o cerca. Nesse sentido, a escola como um todo, tem a importante missão de proporcionar condições necessárias para estimular o interesse e acesso dos alunos a esse modelo de leitura, bem como ajudar na continuidade dessa experiência enriquecedora.

Por esse motivo, a grande preocupação de muitos que debatem sobre o assunto, incluindo a nossa, é de que pensemos em uma educação que seja motivadora. A busca por uma

educação que planeje conduzir o aluno às experiências enriquecedoras, permitindo-lhes aprender ao mesmo tempo em que se constituem como sujeitos autônomos e críticos. Essa abordagem de ensino de literatura não prioriza apenas o desenvolvimento técnico ou a satisfação de anseios linguísticos. Em vez disso, prioriza o desenvolvimento humano de cada aluno, fazendo com que desempenhem um papel social cada vez mais ativo na sociedade que o cerca. A literatura emerge neste cenário como uma ferramenta fundamental ao unir conhecimentos diversos, propiciando prazer a cada leitura. Pode-se afirmar, portanto, que a leitura literária contribui para a formação integral do indivíduo.

## LITERATURA COMO FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO SER

A primeira parte que apresentamos é dedicada à reflexão sobre a importância da literatura para o desenvolvimento humano em duas dimensões. Estas dimensões se complementam mutuamente: a literatura como fonte formadora e transformadora do ser. Nesse contexto, observaremos a relevância da literatura como uma força humanizadora e de que maneira ela pode influenciar os indivíduos.

Para tanto, nos espelharemos nos estudos de Antonio Candido e Tzvetan Todorov, entre outros, que conferem à literatura um tratamento especial no que diz respeito ao papel que ela exerce na sociedade e na vida do ser humano. Quanto a esse papel que a literatura possui, Candido revela que:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia [...] aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares (Candido, 1972, p. 80).

Assim sendo, “a literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal” (Candido, 2002, p. 80). Dessa maneira, a literatura assumiria uma íntima relação com o social e psicológico humano, já que esse tipo de leitura assinala um meio privilegiado de conhecimento entre o sujeito e o mundo, adquirindo muitas vezes um papel representativo da realidade, confirmando ao ser humano a sua condição enquanto sujeito. Quanto a essa representatividade, Candido salienta a estreita relação entre “imaginação literária” e realidade concreta do mundo, pois, “serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade” (1972, p. 82).

Um dos debates envolvendo a crítica literária consiste no modo de compreender a literatura ligada a fatores externos à obra. Em outras palavras, há posicionamentos sobre a ideia

de literatura enquanto ilustração do mundo. Entretanto, trata-se de uma discussão entre conceito estruturalista e conceito social de função da literatura, e este último nos interessa mais.

Segundo Candido (1972), a abordagem apenas estrutural da literatura faz parte de correntes mais modernas, em que se opta por um ou outro foco: estrutural ou funcional, nunca os dois simultaneamente, mas que está fortemente e historicamente inclinada à abordagem estrutural. Essa evolução está ligada diretamente às transformações ocorridas na sociedade daquela época. “Quando passamos da perspectiva da produção para a da recepção, aumentamos a distância que se separa a obra do mundo do qual fala e sobre o qual age, já que se quer percebê-la a partir de então em si mesma e por si mesma” (Todorov, 2009, p. 53).

Todorov (2009) compreende a concepção de literatura ligada a elementos externos à obra e reforça que o estudo do sentido, em detrimento dos estudos metodológicos, é muito criticado, pois carrega o fardo de “nunca poder se tornar científico o bastante” (2009, p.38).

As transformações ocorridas no mundo a partir do Renascimento, reforçadas pela tradição acadêmica, contribuíram para que apenas uma das faces da literatura fosse levada em conta até agora: a estrutural, analítica, metodológica, científica e estética. A tradição universitária, no geral, não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação do mundo (Todorov, 2009, p. 38).

O autor faz uma reflexão sobre a uma única maneira de observar a literatura e estudos de literatura: a estrutural. Compreendendo assim o estudo literário como unilateral, esquecendo e até menosprezando a face contextual funcional, que dá “sentido” às obras. “[...] tanto hoje quanto naquela época, a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) deveria completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético)” (Todorov, 2009, p. 36).

Candido (1972) também defende que a literatura não deve ser tomada em si mesma, à parte dos elementos externos (contextuais) que a permeiam desde a sua produção. A ele não interessa a literatura apenas como “projeção” (modelos profundos). Em outras palavras, para ele importa que a literatura possua certo tipo de ligação com o mundo externo, indo assim ao encontro da “ciência da percepção”, na qual o único objetivo é a contemplação de objetos belos.

É difícil não considerar os fatores individuais e sociais que permeiam as obras desde sua produção, amarrando-as ao nosso mundo. No que diz respeito aos elementos contextuais, Candido revela que:

Tanto quanto a estrutural, eles nos dizem de perto, por que somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto *se forma* a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavras) (1972, p. 79).

É interessante o jogo de palavras colocado por Candido, que nada mais é do que um fato. Independente da abordagem, o texto literário sempre terá alguma ligação com o mundo externo que é pertinente à sua produção, seja na tentativa de expressá-lo ou na tentativa de se isolar dele. Mesmo quando se opta pela “ciência da percepção” com o objetivo de se distanciar do mundo real, nas atividades artísticas a realidade ainda é ilustrada. A produção literária, como resultado, emerge de uma necessidade humana de voltar-se para dentro de si mesma, na tentativa de escapar do mundo, muitas vezes se esquecendo de que o ser humano é resultado da sociedade à qual está submetido.

O fato é que a literatura está atrelada a pelo menos duas dimensões, que não estão distantes entre si e, por isso, não podem ser tomadas isoladamente:

[...] há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana (Candido, 1972, p. 80).

É sabido que a leitura da literatura proporciona a percepção de diferentes aspectos da realidade. A literatura molda as experiências que, muitas vezes, são desconcertantes para o leitor, ajudando-o a se situar no mundo. É um desafio à sensibilidade do leitor, que assim se enriquece a cada obra. Para nós, a literatura é como um olhar, uma porta imaginária, deixando quem lê imerso em um mundo de situações que somente com o olho da literatura somos capazes de experimentar. Através da imaginação somos capazes de compreender o outro e a nós mesmos.

A literatura é uma ferramenta importante e “invisível”, que pode provocar transformações significativas em quem entra em contato com ela. É fundamental que se torne mais presente em nossas vidas desde cedo. Na ausência de uma prática anterior ao ingresso escolar, é a escola que assume a grande (e importante tarefa) de apresentar o mundo literário ao aluno, além de acompanhá-lo nessa jornada que não se resume aos muros da escola.

## **LEITURA LITERÁRIA: CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL**

Antes de nos atermos a atual situação à qual a literatura está submetida nas escolas, é preciso sabermos como ela chegou ao âmbito escolar brasileiro, quais foram os processos que a levaram a ser uma disciplina escolar, até chegarmos à abordagem de ensino presente em nossas escolas.

A literatura começou a fazer parte do ensino secundário do nosso país com as escolas religiosas durante o período colonial, as escolas Jesuítas. O ensino da época contava basicamente com aulas de Retórica, Poética e Literatura, disciplinas voltadas para uma formação clássica. Nessa época, o domínio das letras clássicas conferia prestígio social, pois significava a posse de um conhecimento distinto, que elevava socialmente aqueles que o detinham, diferenciando os detentores desse “patrimônio” e os demais. Essa abordagem também era considerada como “conjunto de modelos estéticos”, fundamentada por uma concepção clássico-humanista. Esse período é marcado, principalmente, pela busca de uma identidade nacional ou independência cultural e literária, ou seja, a busca de uma literatura que representasse a pátria. Na segunda metade do século XIX, a literatura incorporou um importante papel fundador na cultura brasileira:

[...] até esse período o principal meio de que o Brasil dispunha para conhecer-se a si mesmo era a literatura. A história, a geografia e a filosofia, segundo o crítico, eram pensadas no país por intermédio dessa arte da palavra que tinha, portanto, um papel fundador na cultura nacional (Oliveira, 2013, p. 45).

É possível perceber o importante papel que a literatura exerceu nesse período. Já não predominava a “cultura clássica” mencionada anteriormente; em seu lugar, emergia uma literatura sedenta por uma particularidade não só de uma língua, mas também uma exclusividade de assuntos, cenários, poetas representativos e espírito nacionalista. Nesse período a literatura era o principal meio de autoconhecimento que o país dispunha.

Em meados do ano de 1877, o ensino secundário contava com um quadro de disciplinas que priorizava o ensino de literatura em relação às outras disciplinas, como a Retórica e Poética, essas em relação ao período colonial foram perdendo seu espaço gradativamente: além de Retórica e Poética, tratadas como disciplinas independentes, ainda contavam outras três disciplinas: Literatura, História da Literatura Portuguesa e História da Literatura Brasileira (Cereja, 2005, p. 96).

Com as mudanças ocorridas nesse período, a introdução da História da Literatura nos programas escolares marca o rompimento com a tradição clássico-humanista de ensino de literatura prestigiada há mais de 150 anos. Essa tradição priorizava, antes de tudo, o acesso aos textos como detenção de um “patrimônio” e domínio social, diferente do caráter científico que assumiu em fins do século XIX, influenciado pelas correntes positivistas. Como destacado por Cereja (2005, p.102): “O fim da retórica e da poética dos programas literários refletia o triunfo do cientificismo positivista nos diferentes domínios do saber”.

A partir desse momento, o ensino de literatura passa a atender às exigências de uma formação técnica, em detrimento da formação humanística do período colonial. Um ensino de literatura com o intuito de ingresso nos exames preparatórios e vestibulares. Diante das

novas exigências a serem obedecidas advindas das transformações que a sociedade passava, uma abordagem histórica da literatura foi implementada. A literatura passou a ser tratada a partir de uma “divisão cronológica”, que se fortificou progressivamente:

[...] de meados do século XIX a meados do século XX, os conteúdos de história da literatura firmaram-se nos programas escolares desde 1858, tornando-se disciplina escolar a partir de 1870. Desde então, como as demais disciplinas, a história da literatura esteve sujeita a diferentes influências, como as das reformas de ensino empreendidas pelo Estado e a dos materiais didáticos adotados. Com períodos de valorização e expansão, ou de retratação ou exclusão do programa escolar, a historiografia literária consolidou-se e legitimou-se como conteúdo, como disciplina e como prática de ensino literatura por excelência. Qualquer proposta de ensino que enseje quebrar esse paradigma encontrará com certeza, muitas dificuldades e resistências por parte dos professores (Cereja, 2005, p. 103).

Após esse breve panorama a respeito das transformações que o ensino de literatura passou ao longo do tempo, torna-se possível ter uma noção de como essas mudanças influenciaram o ensino da literatura atual.

## REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA

A tradição historiográfica à qual a literatura foi incorporada tornou-se para inúmeros professores de diversas gerações, o único meio de abordagem viável para o ensino de literatura, impedindo, assim, adquirir outros tipos de abordagens. O problema de fato, não se encontra na abordagem historiográfica da literatura, mas sim em adotá-la como a única abordagem possível, o que acaba limitando a literatura a um “percurso histórico” estritamente didático:

Na transposição didática da historiografia literária para as aulas de literatura, o foco central passa a ser os *conteúdos* da história da literatura, ou seja, o conjunto de autores de cada estilo de época, suas obras mais representativas, suas características, etc., geralmente ensinados pelo método transmissivo e com fim de desenvolver quase exclusivamente uma única habilidade, a *memorização*. Tenta-se pôr em prática, portanto, uma historiografia da pior qualidade, uma vez que esquemática, determinista, redutora, simplista (Cereja, 2005, p. 141).

Adota-se uma abordagem cronológica da literatura, com foco no estudo do contexto histórico, por sua praticidade e exigência. No entanto, essa abordagem pode deixar de

estabelecer relações significativas entre texto literário e produção de sentido, especialmente quando não há um estudo mais cuidadoso das obras utilizadas.

É interessante observar que muitos alunos demonstram interesse e curiosidade pela leitura, principalmente alunos ingressantes no ensino médio, mas apenas em suas práticas sociais fora da escola. Talvez isso ocorra por terem uma maior liberdade, tempo e identificação com o tipo de leitura que, na maioria das vezes, faz parte da “literatura” de entretenimento, que não fazem parte do cânone literário, influenciada pelas mídias sociais, histórias fantásticas como a saga de *Harry Potter*, *Senhor dos anéis*, ou os famosos romances adolescentes.

No entanto, quando se trata das práticas de leitura escolar, esses mesmos alunos rejeitam o tipo de leitura oferecida em sala de aula. Na escola, a maioria das leituras feitas é indicada pelo professor ou faz parte dos materiais didáticos. Essas leituras, por sua vez, são exigidas como cumprimento de uma tarefa escolar e, portanto, tornam-se “obrigatórias”. Como resultado, os alunos acabam encarando essas leituras com resistência e até aversão, anulando o efeito prazeroso que a leitura literária pode proporcionar. Percebe-se, portanto, que a dificuldade de leitura dos alunos não se refere à sua prática social, mas sim à sua prática escolar de leitura.

Sabendo disso, surge a indagação se, de fato, o que é ensinado nas escolas é “leitura literária”, pois é perceptível que desde a instalação da história da literatura nas escolas, o ensino foi reduzido a um percurso histórico, acompanhado de obras e autores listados tradicionalmente, com suas características estéticas e ideológicas apoiadas teoricamente por materiais ultrapassados e unilaterais. Trata-se de um ensino que utiliza o texto literário como pretexto, não como objeto de ensino de fato, beneficiando apenas a praticidade técnica de um sistema exigente e redutor. Ao aluno, resta a memorização dos conteúdos, já que esse ensino não estimula o desenvolvimento de habilidades pertinentes a leitura literária de fato.

A verdade, por mais assustadora e acusadora que possa parecer, é que o sistema e estrutura de ensino básico brasileiro não está preocupado com a eficácia da abordagem aplicada, pois estão pautados em uma tradição de ensino que compreende a literatura apenas como expressão da língua e da nacionalidade de um povo, adotando critérios de recorte literário que emanam de uma tradição de ensino positivista conservada pela historiografia romântica.

Tudo isso demonstra o esgotamento do estudo historiográfico que está atrelada a literatura há muito tempo. Sente-se cada vez mais necessidade de retomar um estudo de literatura humanística, que utilize os textos com o intuito de formar e transformar seus leitores, e não somente com fim conteudista, que empobrece o ensino cada vez mais.

Não há, suponho, disciplina mais formativa que a do ensino da literatura [...] Saber idiomático, experiência prática e vital, sensibilidade, gosto, capacidade de ver, fantasia, espírito crítico – a tudo o seu estudo



mobiliza [...] A literatura não se fez para ensinar: é a reflexão sobre a literatura que nos ensina (Coelho *apud* Silva, 2013, p. 17).

Neide Resende (2013) ressalta que mudanças são necessárias no ensino brasileiro, apontando a necessidade de a escola dar ênfase ao texto literário como conteúdo. Segundo a autora, essa abordagem provocaria um deslocamento de foco, que prezaria não mais o historicismo e sim o desenvolvimento do aluno. Não mais um ensino de literatura tecnicista, mas sim um ensino de literatura pautado no desenvolvimento de habilidades e competências a partir da leitura literária.

A literatura possui grande importância no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois, diferente do que se entende, ela não diz respeito apenas à leitura de livros em disciplinas específicas, como Língua Portuguesa. Pode ser compreendida de forma interdisciplinar em outras disciplinas, conforme previsto na BNCC<sup>1</sup>.

Trata-se de um deslocamento considerável ir do *ensino de literatura* para a *leitura literária*, uma vez que o primeiro a concentração no polo do professor e o segundo, no polo do aluno [...] à transmissão de conteúdos se contrapõem as habilidades e competências, e a resultados e produtos se sobrepõem o processo. Isso pressupõe que a formação do aluno não se perfaz mais num só sentido, ou seja, a partir do que o professor ensina, desconsiderando-se o que o aluno de fato aprende: acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e dar a ele o tempo necessário é mais importante do que cobrir uma lista de conteúdos previamente definida (Rezende, 2013, p. 106).

O professor, sob essa ótica, assume um papel importante e crucial no desempenho de um ensino de literatura transformador. Pois, dentro de um ensino de literatura competente e mais humanístico, e para que haja interesse pela leitura literária, é necessário dedicação e preparo por parte de quem ministra a disciplina. Aos professores cabe o dever de assumir o compromisso e a responsabilidade que o ensino de literatura necessita para concretizar-se como uma prática significativa, em que as obras literárias possam exercer seu papel estimulador e propiciador de conhecimento e fruição, unindo dessa forma, saber e prazer.

Por ser um fenômeno social, a literatura necessita ser ministrada por um professor que tenha sensibilidade para captar aos acontecimentos e os problemas que envolvem a sociedade. Para que a literatura desperte a atenção do aluno, ela precisa estar vinculada com a vida, pois, literatura é efetivamente vida. Dessa maneira, o professor, além de estar informado sobre sua disciplina, precisa estabelecer relações que possibilitem a

<sup>1</sup> Segundo a BNCC (2018) há necessidade de ampliar a leitura dos clássicos na escola estabelecendo uma abordagem dialógica e comparatista entre diferentes textos, além de enfatizar a importância deles em si, em relação aos períodos literários aos quais estão vinculados.

leitura do mundo pelo viés da literatura (Paulino e Cosson *apud* Silva, 2013, p. 20).

“Mais vale uma cabeça bem feita que uma cabeça bem cheia”, essa frase de Montaigne pode nos ajudar a alinhar algumas ideias a respeito da importância dessa perspectiva de leitura na escola. Ao considerarmos que a educação deve ter como objetivo principal o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, em vez de focar apenas na memorização de conteúdos previamente estabelecidos, a escola deve proporcionar um ensino que desenvolva habilidades, aumentando sua capacidade de raciocínio, imaginação e sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. No entanto, essa característica estimulante da literatura pode ser anulada se, em sala de aula, o texto for submetido a uma prática pedagógica que o empobreça, reduzindo as possibilidades de exploração. O professor atua como intermediário entre o texto e o aluno, cabe a ele intervir e, ao mesmo tempo, permitir que o aluno e o texto “conversem” o mais livre possível. É somente por meio desse “diálogo” que a ação desalienadora da literatura pode fazer-se sentir.

É a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da formação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada e indissolúvelmente à construção da sensibilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (Colomer, 2007, p. 31).

É importante articular diferentes áreas do conhecimento ao abordar a literatura. Não devemos considerá-la apenas como algo isolado em si, fechada apenas a uma área, pois o estudo da literatura trata da relação e interação que o ser humano estabelece com as mais diversas esferas da sociedade e natureza. Uma abordagem mais reflexiva e abrangente implica estabelecer um elo entre diferentes perspectivas ao analisar o mesmo objeto (texto literário), na busca por uma interpretação mais rica.

A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade e cidadania, pois sem liberdade, o desenvolvimento de um aluno/sujeito autônomo nunca poderia ocorrer. Se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma certa maneira de ver o real, perceberemos que ela pode contribuir significativamente para o professor nessa tarefa educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indiscutível a importância de conhecer e apreciar o nosso passado literário, reconhecendo seu potencial artístico e sua relevância para a formação de nossa identidade como povo.

Porém, esse não pode ser o único meio de estudo da literatura. Devemos refletir sobre essas práticas em busca de um ensino literário mais eficaz, que contemple o desenvolvimento não apenas dos alunos, mas de todos os aspectos do ambiente escolar.

Literatura não se resume à história, estética ou conhecimento didático. Ela é, antes de tudo, uma necessidade humana, envolvendo imaginação, fruição e o conhecimento de si, do outro e do mundo que nos cerca. A literatura é texto que se relaciona com outros textos, que se relaciona com a realidade. Se a literatura faz parte e é para a realidade, não pode ser tratada como algo meramente abstrato e isolado em si, tampouco pode ser tomada como alheia à realidade daqueles que se deparam com ela. Nesse contexto convém lembrarmos que o foco é o aluno. Como afirma Michèle Petit (2009), “os livros ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em ideia e reencontrar a alegria” (Petit, 2009, p. 34).

Portanto, a literatura não é estática, fixa, mas sim dinâmica e móvel, pois acompanha as mudanças ocorridas em nossa sociedade e na vida do ser humano. Se o indivíduo e a sociedade mudam, a literatura também muda. Diante disso, como pode a escola e seus métodos ainda permanecerem os mesmos?

Os objetivos principais da disciplina deveriam estar comprometidos com uma educação que forme cidadãos, sujeitos pensantes e agentes. O ensino deve ser voltado para a formação de leitores competentes, que leem de fato literatura. Essa educação não deveria se limitar a formar somente leitores de literatura, mas também produtores de textos literários.

Talvez pareça utópico pensar assim, dado que a realidade atual do ensino da disciplina mal consegue formar leitores. Entretanto, não podemos, enquanto educadores, continuar tratando o ensino de literatura da mesma forma como vem sendo há décadas. O atual ensino não favorece a transformação do ser por meio da leitura literária. Precisamos de uma educação que vá além do aspecto técnico, buscando, sobretudo, a formação humana. Em outras palavras, ansiamos por um ensino que, ao mesmo tempo, forme esse aluno e promova a transformação de seu ser.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta para o trabalho com literatura**. – São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

OLIVEIRA, Gabriela. **O professor de português e a literatura** – Relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino. São Paulo: Alameda, 2013.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: ED. 34, 2009.

SILVA, Jackeline A. S. da. **O estudo da literatura no ensino médio**. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da UFPB, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Recebido para publicação em: 5 maio 2021.

Aceito para publicação em: 4 set. 2023.